

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE SAÚDE FRENTE A UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOCIOAMBIENTAL

THE CONSTRUCTION OF THE HEALTH CONCEPT IN A HISTORICAL SOCIO-ENVIRONMENTAL PERSPECTIVE

Isadora Roman da Silva¹
Laurelize Pereira Rocha²
Marlise Capa Verde Almeida de Mello³
Sidiane Teixeira Rodrigues⁴
Daiani Modernel Xavier⁵
Marta Regina Cezar Vaz⁶

RESUMO: Inúmeras teorias têm surgido com a finalidade de explicar o conceito de saúde, no entanto, por mais que se tenham avanços quanto a isso, ainda se torna difícil definir um conceito sólido de saúde devido à sua subjetividade. Diante disso, acreditar que exista um conceito de saúde completo que ultrapasse a ideia de um ser saudável é bastante questionável. Com esse entendimento, o conceito de saúde deve levar em consideração todos os aspectos exteriores que acarretam influências, riscos e podem alterar a estabilidade da saúde. Neste contexto, este artigo teve como objetivo construir um conceito de saúde frente a uma perspectiva histórica socioambiental. Trata-se de um estudo teórico reflexivo diante da leitura de autores previamente estabelecidos que trouxeram o contexto histórico socioambiental para a discussão. O conceito inicial acabou sendo transformado a cada leitura em um amplo conceito de saúde e singular, agregando significados importantes de cada autor em um único conceito. Construir um conceito de saúde universal, que sirva para o todo parece inviável, uma vez que cada pessoa tem a possibilidade de sentir-se saudável, mesmo quando o entendimento das demais diga o contrário.

Palavras-chaves: Saúde; Condições Sociais; Ambiente.

1 Mestranda em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande.- FURG

2 Doutora em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

3. Doutora em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

4 Mestranda em Enfermagem, Universidade Federal do Rio grande- FURG.

5. Doutora em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

6. Doutora em Filosofia da Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

Revista da 15ª Jornada de Pós graduação e Pesquisa. ISSN: 2526-4397

Submetido: 26 /08 /2018 Avaliado: 10 /09 /2018.

Congrega Urcamp, vol. 15, nº15, ano 2018.

ABSTRACT: Numerous theories have emerged with the purpose of explaining the concept of health, however, however much progress has been made, it is still difficult to define a solid concept of health due to its subjectivity. Faced with this, believing that there is a complete health concept that goes beyond the idea of a healthy being is quite questionable. With this understanding, the concept of health can be seen only as being favorable to be reflected, having to take into account all external aspects that carry influences, risk and can change the stability of health. This article aimed to build a concept of health from a socioenvironmental historical perspective. It is a theoretical study reflective to the reading of previously established authors who brought the socio-environmental historical context to the discussion. The initial concept ended up being transformed into each reading in a broad concept of health, complete and singular, adding the most important meanings of each author in a single concept. Building a universal health concept that serves the whole ends up being something very unique, since each person has the possibility to feel healthy, even when the understanding of others says otherwise.

Keywords: Health; Social Conditions; Environment.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a saúde é continuamente afetada pela variação dos diferentes períodos históricos, econômicos, políticos e sociais da humanidade (FERTONANI et al., 2015). Com isso, existem inúmeras teorias que vêm sendo criadas a fim de definir um conceito de saúde, entre elas está a teoria do Ecossistema que foca nas relações ambientais e acredita ser de grande influência para o processo de adoecimento. Essa teoria provoca a compreensão de que a saúde irá depender da percepção que se tenha de organismo vivo e de sua ligação com o meio ambiente (CAPRA, 2012). Inúmeras teorias têm surgido com a finalidade de explicar o conceito de saúde, no entanto, por mais que se tenham avanços quanto a isso, ainda se torna difícil definir um conceito sólido de saúde devido à sua subjetividade (ALMEIDA FILHO, 2011).

Ao longo do tempo, a saúde foi relacionada com o simples estado de ausência de doença. Este significado acabou sendo deficiente, e então foi criada outra definição envolvendo aspectos mais amplos (ALMEIDA FILHO, 2011). A Organização Mundial de Saúde definiu saúde como sendo o estado de completo bem-estar físico, mental e social, sendo compreendido como algo favorável, evidenciando os fatores sociais, e também os aspectos físicos (OMS,

1946). Os demais elementos externos como o trabalho, as relações ambientais entre outros, não são levados em consideração. Uma vez conceituada não mais como o oposto de doença, esse novo significado parte de um entendimento simples, pois procura entender a saúde como um estado irreal.

A ausência de desafios, dificuldades e sofrimentos fazem parte do cotidiano das pessoas, e é impossível viver sem esses aspectos (SCLIAR, 2007). Além do mais, o estado de equilíbrio completo, faz com que não seja possível obter a saúde na sua total dimensão, pois, sentir-se com completa saúde é sentir-se mais do que normal, ou seja, adaptado às normas, ao meio e às exigências. Dessa forma, compreende-se que a saúde não pode ser reduzida a um simples equilíbrio ou capacidade adaptativa, deve ser refletida como a capacidade que temos para instaurar novas normas diante das novas circunstâncias (CANGUILHEM, 2012).

Diante disso, acreditar que exista um conceito de saúde completo que ultrapasse a ideia de um ser saudável é bastante questionável. Com esse entendimento, o conceito de saúde pode ser visto apenas como sendo algo pertinente a ser refletido, e que deve considerar todos os aspectos individuais, coletivos, ambientais e sociais e que acarretam influências, risco e podem alterar a estabilidade da saúde (FERTONINI et al, 2015). Desta forma, a saúde perpassa por diversas dimensões socioambientais, que acabam sendo compreendidas como o resultado das condições de vida das pessoas que são articuladas entre as dimensões culturais, políticas, históricas e ambientais. Além disso, o conceito deve ser adequado às necessidades individuais e coletivas, na perspectiva individual dos seres humanos (SCLIAR, 2007).

É necessário refletir sobre saúde, doença e suas dimensões com a vida, qualidade de vida e cuidado de forma que o indivíduo construa um conceito singular de saúde que defina suas reais particularidades. Diante disso o objetivo deste estudo foi refletir sobre a construção de um conceito de saúde frente a uma perspectiva histórica socioambiental.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, que se fundamentou em autores de distintos momentos históricos, culturais e socioambientais para a construção

de um conceito de saúde, entre eles cita-se: Camargo (2015); Canguilhem (2012); Freitas e Porto (2010); Guattari e Rolnik (2005); Leff (2012); Marx (2017) e o Relatório Final da Comissão Nacional dos Determinantes Sociais de Saúde (2008). Essa construção teórica-reflexiva aproxima-se da abordagem qualitativa, uma vez que a análise e discussão das informações teóricas são obtidas por meio do levantamento e reflexão bibliográfica realizada (MINAYO, 2006).

Primeiramente foi construído um conceito de saúde sem acréscimo de leituras a partir de um conhecimento prévio sobre a questão o que é saúde. A análise e reflexão ocorreram no período de março a junho de 2018, por meio da leitura aprofundada das obras, discussão em grupo de pós-graduandos e reflexão do tema. Diante da leitura minuciosa de cada autor, discussões e reflexões um novo conceito de saúde se consolidou.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito inicial baseado no conhecimento prévio foi descrito como: "Saúde é o equilíbrio dinâmico dos fatores biológicos e psíquicos com o meio ambiente, promovendo qualidade de vida".

Com o conceito construído após as leituras, discussões e reflexões pode-se constatar que a primitiva concepção de saúde foi sendo gradualmente substituída por uma compreensão mais ampla. O novo conceito traz a subjetividade, o contexto e as particularidades. Não é possível pensar em saúde sem pensarmos na singularidade de cada sujeito, envolvendo o indivíduo, a doença, a família e o contexto histórico sociocultural. Dessa forma, o conceito de saúde foi definido como: Um processo pessoal do equilíbrio dinâmico dos fatores biológicos e psíquicos com o meio ambiente. Esse equilíbrio pode ser afetado por fatores sociais, culturais, individuais e coletivos, sendo que os sentimentos que desenvolvemos frente a esses fatores resultam diretamente na qualidade de vida e conseqüentemente na nossa felicidade. A saúde também está relacionada com a capacidade de adaptação das modificações internas e externas. Ter saúde implica na conscientização e valorização do ambiente e das relações interpessoais. Desta forma, o homem e a natureza estão conectados e ao mesmo tempo em que o indivíduo causa

modificações na natureza ele está modificando sua própria natureza. Do mesmo modo, também estará influenciando a qualidade de vida, pois ela também irá depender da qualidade do ambiente, já que está conectada com o desenvolvimento equilibrado e sustentável. A saúde é algo individual, pois está ligada na maneira como o indivíduo se percebe diante do mundo em seu contexto histórico e socioambiental.”

O conceito de saúde encontra-se atrelado as flutuações e oscilações políticas, econômicas e socioculturais que permeiam a vida humana, acarretando em transformações do cotidiano existencial e, por conseguinte nas acepções de saúde singulares e coletivas dos indivíduos.

O autor Camargo (2015), refere que desenvolvemos diferentes sentimentos frente a situações particulares, e essas emoções bem como as pessoas que nos cercam, interferem diretamente na forma que reagimos, uma vez que a saúde é um processo pessoal que pode ser afetada por fatores individuais e coletivos. Reforçando essa ideia, Camargo (2015) relata o quanto algumas características como o individualismo e o imediatismo, têm afetado tanto nossa saúde quanto a nossa relação com o coletivo, tornando o convívio desgastante e ocasionando baixa qualidade de vida de forma geral.

Nossos sentimentos também estão relacionados com a nossa qualidade de vida, pois para o autor, os sentimentos de gratidão, generosidade, esperança, motivação e felicidade estão interligados com a nossa satisfação relacionada a fatores biológicos, sociais ou ao meio ambiente. Essa satisfação traz para o indivíduo, um sentimento de felicidade, onde uma ação, que para muitos poderia ser considerada algo simples, particularmente aquela pessoa, resultou em um sentimento de felicidade ao reestabelecer uma condição de saúde. Sendo assim saber identificar nossas reais necessidades pode ser um dos caminhos para reconhecer a felicidade, promover qualidade de vida e qualificar nossa saúde (CAMARGO, 2015).

Convergindo com ideia de Camargo (2015) no qual somos afetados por fatores individuais e coletivos, é possível perceber que existem vários determinantes que estão vinculados a esses comportamentos e às condições de vida das pessoas, bem como relacionados com os aspectos sociais e culturais, que afetam a saúde. As formas concretas de inserção

socioeconômicas da população, por exemplo, são extremamente relevantes para explicar a saúde e o perfil das mesmas. As condições gerais de existência caracterizam o modo de vida que articula condições e estilo de vida. Diante disso, conhecer os determinantes sociais é muito importante uma vez que estes impactam diretamente na nossa saúde. Além de estruturarem outros determinantes de saúde. As análises destes determinantes permitem uma saúde mais sustentável, coordenada e eficiente (CNDSS, 2008).

Os indivíduos são únicos e assim suas concepções e conceitos de saúde e doença são particulares. Além disso, somos influenciados pelo meio e nossas escolhas influenciam diretamente no nosso modo de ser fisiológico. Variamos no nosso próprio local, ambiente e na nossa atividade. Somos a única espécie de variação, ou seja, somos influenciados pela capacidade de adaptação frente às diversas modificações existentes (CANGUILHEM, 2012). Canguilhem (2012) relata a influência dessa relação nas normas biológicas da vida com o meio humano e ao mesmo tempo a causa e o efeito de estrutura e comportamento humano, levando em conta a funcionalidade dessa adaptação da espécie uma vez que as constantes fisiológicas não são constantes no sentido absoluto, pois para cada função ou conjunto de funções há uma margem para a capacidade que temos de adaptação funcional da espécie (CANGUILHEM, 2012). Portanto nossa saúde esta relacionada com a capacidade de adaptação.

Reforçando essa ideia, o autor supracitado, aborda que a saúde seria, portanto, mais do que ser normal, é ser capaz de estar adaptado às exigências do meio, e ser capaz de criar e seguir novas normas de vida, já que o normal é viver num meio onde os novos acontecimentos são possíveis. Todo organismo capaz de adaptação se torna normal, pois é compatível com a vida, pois não existe vida sem normas de vida, sendo o estado patológico também uma forma de se viver.

Visualizando com as questões socioambientais é possível perceber que há uma relação direta entre a saúde e o ambiente a partir das relações sociais, com alicerce na ética, na valorização do ambiente e dos comportamentos interpessoais, sendo que essas conexões são extremamente importantes para a compreensão do fenômeno saúde, uma vez que este deve ir além da análise

das doenças. Essa relação de saúde e ambiente devem estar em constante equilíbrio, pois as nossas relações e as relações com o meio ambiente podem resultar em inúmeros adoecimentos. As calamidades ambientais causadoras de enfermidades, como os alagamentos, correntes de intenso calor e frio, degelo dos pólos, infestação de insetos e outros animais, possuem participação dos seres humanos, porém pouco se aborda sobre isso, principalmente, pelo fato de a sociedade capitalista entender tais acontecimentos como fatores externos, ou seja, extrínsecos ao desenvolvimento humano (FREITAS, PORTO, 2010). Existem alguns recursos que se fazem necessários para uma saúde plena são elas as boas relações e ambientes saudáveis (FREITAS e PORTO, 2010). Diante disso, a saúde está diretamente relacionada com a valorização e conscientização do ambiente e dos comportamentos interpessoais frente a essa relação.

Corroborando com Freitas e Porto (2010), o autor Marx (2017) refere que o homem e a natureza estão ligados, pois o indivíduo por meio de suas atitudes é quem controla e regula sua troca material com a natureza. O homem utiliza suas forças naturais do organismo a fim de apropriar-se da natureza e dos recursos que ela proporciona, resultando em meios úteis aos seres humanos. Quando os indivíduos atuam sobre a natureza externa e a modificam os mesmos estão concomitantemente modificando sua própria natureza. Assim temos o trabalho como ação humana que torna possível a criação de bens e de valor. Diante disso, Marx (2017) reconhece que os meios de trabalho servem para medir o desenvolvimento da força humana mediante o trabalho, mas também indicam as condições sociais em que se realiza o trabalho, portanto, influenciador da saúde humana.

Nesse ínterim, a qualidade de vida também esta conectada com as relações com o ambiente, uma vez que a qualidade de vida irá depender da qualidade do ambiente, pois está diretamente relacionada com as questões de um desenvolvimento equilibrado e sustentável. O desenvolvimento sustentável determina os parâmetros do bem-estar e faz com que surjam novas possibilidades de indicadores do desenvolvimento humano articulados com as questões do crescimento ligados a aspectos culturais e potenciais da natureza, ou seja, medições objetivas com percepções subjetivas (LEFF, 2012). Pois

uma questão importante na análise da qualidade de vida é a percepção pelo próprio sujeito de suas condições de existência, uma vez que materializar o pensamento numa nova forma de racionalidade social é integrar os processos ecológicos, tecnológicos e culturais, gerando um desenvolvimento alternativo. Essa questão da sustentabilidade no processo de desenvolvimento esta diretamente relacionada ao reordenamento de novas relações funcionais, fundamentadas em princípios de racionalidade ambiental (LEFF, 2012).

Dessa forma, é necessário refletir também o conceito de saúde frente as questões de subjetividade pois esta não funciona apenas no registro das ideologias, mas de forma interior nos indivíduos, na sua maneira pessoal de perceber o mundo e de se articular, diante da sociedade e dos processos maquínicos de trabalho e ordem social. A subjetividade interfere na nossa saúde pois é o próprio indivíduo que constrói suas referências, através das experiências práticas da vida. Todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade, sendo ligada a maneira de como o individuo se percebe, se sente e se coloca diante do mundo, influenciando diretamente sua saúde (GUATTARI E ROLNIK, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a saúde não pode ser reduzida a um simples estado de equilíbrio ou bem-estar, ela deve ser pensada e refletida frente a todos os aspectos particulares dos indivíduos. Definir a saúde deve envolver o ser humano e sua capacidade de enfrentar situações novas, sentindo-se seguro para resolver os problemas e superar as adversidades inerentes ao processo de viver. Assim, mais do que prevenir os riscos, a saúde possibilita a capacidade de lidar com eles, transformando-os, ou seja, ter saúde passa pela conquista dos meios para viver os riscos. No entanto, para que o conceito de saúde provoque uma transformação, acredita-se ser necessária a inclusão de dimensões individuais, sociais, históricas, culturais e ambientais, bem como a capacidade e habilidade para adaptar-se.

A reflexão e construção de um novo conceito de saúde, fez com que pensemos que não é possível elaborar um conceito de saúde universal, que sirva para o todo. Questionar o que é a saúde mostra-se ser uma questão

ampla e que não tem uma única resposta. Construir um conceito de saúde demonstra que as pessoas têm o poder para se sentir saudável, mesmo quando o entendimento das demais diz o contrário.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, J.J. **Do que você precisa para ser feliz?** 1 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2012.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação.** 30ª ed. São Paulo: Cortez; 2012.
- COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil** (Relatório final); 2008.
- FERTONANI, H. P.; PIRES, D.E.P.; BIFF, D.; SCHERER, M.D.A. Modelo assistencial em saúde: conceitos e desafios para a atenção básica brasileira. **Ciênc. Saúde Coletiva.** V. 20, n. 6, jun, 2015.
- FREITAS, C.M. e PORTO, M.F. **Saúde, ambiente e sustentabilidade.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Reimpressão 2010.
- ALMEIDA FILHO, N. **O que é Saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 160p, 2011.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica – cartografias do desejo.** 7ª ed. Revisitada. Petrópolis: Editora Vozes; 2005.
- LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MARX, K. **O capital.** Crítica da economia política. 31ª. Ed. São Paulo: Difel. Liv. I, v.1, 2017.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 9ª ed. São Paulo: EDUC; 2006.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial de Saúde,** Genebra, 1946.
- SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Rev Saúde Coletiva.** V. 17, n.1, p. 29-41, 2007.